

ARTIGO

PAISAGENS DO MEDO EM GEOGRAFIA: A PERCEPÇÃO DE ESTUDANTES DO ENSINO BÁSICO

Wilcilene da Silva Corrêa¹
Amélia Regina Batista Nogueira²

RESUMO

Este artigo traz uma discussão acerca do medo a partir da percepção de alunos de ensino fundamental e médio e visa relacioná-los às reflexões propostas na obra “Paisagens do medo”, de Yi-Fu Tuan, que tem como tema central o medo humano e perpassa faixas etárias e momentos históricos da humanidade. Neste sentido, foram ouvidos 145 alunos com idades entre 11 e 18 anos acerca de seus medos e a relação desses medos com a geografia dos lugares. Chegou-se à conclusão inicial de que muitos apresentam dificuldades em estabelecer a espacialidade para descrever seus medos, e deste modo relacioná-los à Geografia. Os espaços mais citados como lugares de medo foram, respectivamente, cemitério, lugar escuro, floresta/mata, casa de parentes, lugar abandonado, lugar alto e rios/lagos.

Palavras-chave: Paisagens do medo. Conceito de Lugar. Geografia. Yi-Fu Tuan.

1 INTRODUÇÃO

O conceito de paisagem, importante categoria da ciência geográfica para entender a realidade vivida pelas sociedades, foi retomada nesta breve pesquisa, que teve como objetivo

¹ Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Geografia (PPGG) da Universidade Federal do Amazonas (UFAM), bacharel em Geografia e especialista em Geografia da Amazônia Brasileira e Metodologia do Ensino Superior. Leciona para ensino fundamental e médio na rede privada em Manaus-AM. E-mail: willthepink@hotmail.com

² Professora Doutora do Programa de Pós-Graduação em Geografia (PPGG) da Universidade Federal do Amazonas (UFAM), ministrante da disciplina “Paisagem, Território e Cultura”. E-mail: ab.nogueira@uol.com.br

compreender a relação entre a paisagem e a percepção do medo para alunos de um colégio de ensino fundamental e médio na cidade de Manaus.

A partir do conceito de Paisagens do Medo, presente na obra de mesmo nome de autoria de Yi-Fu Tuan, cento e quarenta e cinco (145) alunos na faixa etária entre 11 e 18 anos de idade responderam a um questionário com três (3) perguntas abertas sobre o que entendem por medo, de que coisas, pessoas ou lugares eles têm medo.

Um trabalho dessa natureza justifica-se pela importante tentativa de abordar o conceito de paisagem de forma diferenciada e prática na vida dos alunos, que se mostraram muito interessados em entender a relação entre os temas. Percebeu-se a partir da aplicação dos primeiros questionários e entrevistas que muitos alunos não haviam parado para pensar que os lugares podem representar espaços de medo e que isso poderia ser analisado e entendido a partir da ciência geográfica, já que muitas vezes o debate da categoria paisagem se aprofunda no âmbito da Geografia acadêmica, ficando a Geografia escolar com um espaço de reprodução do conceito previamente construído.

Esse trabalho estimulou a ampliação da ideia do que é paisagem, demonstrando que esta categoria vai para além do visível e da forma, as paisagens são compreendidas também a partir das relações de existência de cada ser com seus lugares, as paisagens são também construções simbólicas, ao perceber esses outros sentidos da paisagem, os alunos poderão entender seus medos de paisagens que lhes são cotidianas, e assim, se colocarem diante de seus lugares do medo. Assim, os estudantes podem fazer a articulação entre o conhecimento geográfico e seus modos de vida.

2 A PAISAGEM GEOGRÁFICA E A PERCEPÇÃO DO MEDO: UM DEBATE POSSÍVEL

Na busca da correlação entre a paisagem enquanto conceito-chave da ciência geográfica e o medo, foram elencados inicialmente alguns importantes autores na busca por defini-la. Gandy (2004, p. 80) nos escreve que “a paisagem é um dos temas recorrentes do pensamento geográfico”.

Ele afirma não apenas a importância de classificar e ordenar a natureza, mas afirma existirem laços materiais entre as sociedades e as paisagens. De síntese regional a paisagem se torna uma articulação de forças materiais diversas, e “ligada a uma gama de figuras retóricas visuais próprias da cultura ocidental” (idem).

Para o geógrafo, analisar a paisagem, conforme Claval (2012, p. 248), é multiplicar seu ponto de vista, analisando essa que é a interface entre homem e natureza, destacando que na geografia humana ocorre a associação de natureza e fatos sociais.

Em Claval (2012), destaca-se inicialmente que por aparência, o termo paisagem não tem mistério, no entanto ao longo do texto o autor vai desvendando as inúmeras facetas e interfaces que esse termo apresenta ao longo da história da ciência. É vista como interface, deixando de ser um quadro sem vida para ser entendida como “feita de ambientes”.

Outro aspecto interessante nesse autor é sua observação de que existem ou podem existir maneiras as mais fecundas de ler a paisagem, levando-se em consideração as relações que unem aspectos físicos, componentes biológicos e realidade social construída pelo homem. A paisagem criada depende do ponto de vista do observador (CLAVAL, 2012, p. 162).

Importante ressaltar que é levada em conta não a forma como nasceram as paisagens, mas especialmente a forma como são percebidas e valorizadas na atualidade, tais percepções e valorações podem variar ao longo do tempo e com as diversas culturas inseridas na mesma.

Para Cosgrove (2012), paisagem é vista como um conceito complexo. E com as seguintes implicações: relacionada às formas visíveis de mundo, como concepção racional de meio ambiente e passível de intervenção de forças humanas. Assim, é considerada um conceito valioso para a geografia humana, cujos temas abordam a relação com a vida humana.

Nesta paisagem, se podem observar seus mais diferentes usos, expressos nas diferentes faixas etárias e na sua forma de utilização desses espaços. É um exemplo de lugar complexo, múltiplo com patamares diferentes de significados. Ressalta ainda a importância de estudos menos empíricos e que não excluam de suas considerações as análises sobre culturas e símbolos.

Para Berque (2012), a paisagem “existe, em primeiro lugar, em sua relação com um sujeito coletivo: a sociedade que a produziu, que a reproduz e a transforma em função de certa lógica” (p. 239). Ela é definida como plurimodal e cointegrada ao sujeito.

Sendo assim, a paisagem passa a ter dois significados: é marca, pois implica processos físicos, mentais e sociais e é matriz porque determina o olhar com que é vista, a consciência com que é apreendida, a experiência pela qual é valorizada.

Halbwachs (2013) contribui no sentido da memória individual e coletiva acerca das paisagens, ou seja, as impressões que temos a partir de nossa interação com elas e que se fazem e perfazem em nossa memória. Ela é individual, mas também é coletiva, pois como ele afirma, nunca estamos sós (p. 30).

Nossa vida é composta por diversos acontecimentos marcantes, conosco corrobora o autor supracitado. Ele destaca que em determinadas situações pelas quais passamos na vida, os elementos presentes em um local ou nas pessoas com as quais tivemos algum contato, possam não ficar tão bem marcados em nossa mente a ponto de não serem, em um dado momento, esquecidas. Assim como alguns elementos da paisagem ou pessoas também tendam a ficar fortemente marcados para nós e não seja da mesma forma para outras pessoas.

Assim sendo, pode-se dizer que os lugares ou paisagens apresentam-se para nós de uma forma capaz de nos marcar ou não. E isso acontece por conta dos sentimentos, impressões e formas como os concebemos ou somos por eles concebidos.

Absolutamente não estamos enganados: reconhecemos muito bem esse lugar e ao mesmo tempo recordamos a disposição de espírito em que estávamos quando o vimos, parece que a lembrança permaneceu, agarrada às fachadas daquelas casas, aguardando ao longo daquela vereda, na borda daquela enseada, nesse rochedo em forma de cadeira – e, quando voltamos a passar por lá, damos uma paradinha e ela retoma em nossa memória um lugar que, sem isso, jamais teria sido ocupado (HALBWACHS, 2013, p. 53).

Além de falar sobre o retorno a lugares específicos com os quais teríamos estabelecido algum tipo de sentimento, positivo ou não, Halbwachs (2013) destaca ainda a importância do reconhecimento de lugares por meio de objetos ou imagens, “é reencontrar as ligações desse objeto com outros que podem ser também pensamentos ou sentimentos” (p. 55).

Ao tratar da memória coletiva e espaço, Halbwachs (2013) destaca que assim como os móveis e objetos que nos rodeiam tem significado, assim também as imagens espaciais desempenham importante papel sobre nossa memória. Ao comparar o lugar ocupado por grupos com um quadro-negro, ele nos escreve que aquele local recebe a marca do grupo, assim como o grupo também é marcado por este mesmo espaço.

Destaca-se disso que:

(...) um acontecimento realmente grave sempre traz consigo uma mudança nas relações do grupo com o lugar – seja porque este modifica todo o grupo, por exemplo, uma morte ou um casamento, seja porque o grupo modifica o lugar: a família enriquece ou empobrece, o pai da família é chamado para outro posto ou passa a uma outra ocupação (HALBWACHS, 2013, p. 160).

A partir disso, nenhum dos elementos envolvidos é o mesmo: nem as pessoas, nem a memória e nem o ambiente material. Ele cita a passividade das pessoas diante da materialidade dos espaços. Uma parte desse grupo permanece em estado de indiferença em relação a “suas emoções, suas esperanças, seus medos” (p. 161), enquanto outra parte do grupo os sente.

A multiplicidade de relações entre pessoas e paisagens é muito forte, porém seletiva. O que pode ser muito representativo para uns, não o é para outros. Deste modo as emoções também são diferenciadas, e entre elas destaca-se o medo, que pode ser um dos sentimentos que é capaz de conectar grupos humanos ou indivíduos às paisagens.

E assim, “não há memória coletiva que não aconteça em um contexto espacial” e “não há grupo nem gênero de atividade coletiva que não tenha alguma relação com o lugar” (HALBWACHS, 2013, p.170). Deste modo, entende-se que sempre teremos relações, impressões, construções reais e também imaginárias com os lugares, espaços com os quais temos alguma relação de pertencimento e que não excluem as paisagens, como espaços da percepção humana com nossos diversos sentidos, visíveis ou ocultas.

Tuan (2005) inicia seu livro sobre paisagens do medo citando algumas delas: medo de escuro e sensação de abandono especialmente na infância, ansiedade em locais desconhecidos e reuniões sociais, pavor de mortos e sobrenatural, medo de doenças, guerras e catástrofes, desconforto em hospitais e prisões, medo de assalto em ruas desertas e bairros, ansiedade diante do possível rompimento da ordem mundial. De modo impressionante ou não todos esses eventos, situações e paisagens foram citadas pelos 145 alunos ouvidos para o estudo que apresentamos neste artigo

Assim como os indivíduos o são, os medos sentidos por eles também são subjetivos, de acordo com Tuan (2005). Alguns, desencadeados por situações traumáticas ou não, por ambientes ameaçadores ou não, por pessoas ou não, e esse não pode ser o fruto de nossa imaginação, de nossas ansiedades e de tudo o que nós somos capazes de vivenciar e de criar a partir das nossas relações com as paisagens sobre as nossas relações com as quais traumas, ameaças e pessoas se desenvolvem.

O autor destaca que o medo não é uma exclusividade humana, estando presente também entre os animais como “uma emoção que indica perigo e é necessária para a sobrevivência” (TUAN, 2005, p. 8). Assim também entre os próprios homens existem diferenças que podem ser expressas pela frequência e intensidade dos medos que já sentiram, sentem ou poderão sentir, haja vista que esse fator também se altera ao longo da vida.

No medo e sua complexidade, Tuan destaca a presença de dois componentes: o sinal de alarme e a ansiedade, diante da qual por instinto, também se apresentam duas respostas que são a fuga ou o enfrentamento.

Conceituando paisagens do medo, o autor exemplifica a casa, enquanto fortaleza construída para a defesa e proteção de seus elementos humanos, que nos lembra da vulnerabilidade a qual estamos sujeitos. Diz, portanto, que as paisagens do medo:

São as quase infinitas manifestações das forças do caos, naturais e humanas. (...) De certa forma, toda construção humana – mental ou material – é um componente da paisagem do medo, porque existe para controlar o caos (TUAN, 2005, p. 12).

Essas quase infinitas manifestações estão arraigadas nas mais variadas atividades cotidianas. Propusemos assim, identificar as impressões sobre os medos de alunos do ensino fundamental e médio de um colégio particular em Manaus, visando relacioná-los em especial às paisagens.

3 METODOLOGIA

Este estudo é descritivo, pois de acordo com Gil (2008, p. 4) procura “descrever as características de determinadas populações ou fenômenos. Uma de suas peculiaridades está na utilização de técnicas padronizadas de coleta de dados, tais como o questionário”. Consistiu da coleta de dados e análise quantitativa, configurando o procedimento técnico do levantamento, obtido por meio de questionário composto por três perguntas abertas.

A partir da disciplina “Paisagem, Território e Cultura”, do Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal do Amazonas (UFAM), na qual se discutiram os mais diversos conceitos acerca de paisagem como categoria geográfica, se inseriu nos debates a ideia de paisagens do medo, tema esse que intitula uma importante obra de Yi-Fu Tuan que também fez parte desses debates.

Deste modo, procuramos compreender como ocorre essa relação entre o sentimento do medo e suas expressões relacionadas à categoria paisagem no contexto da Geografia escolar. Foram ouvidos cento e quarenta e cinco (145) alunos, distribuídos em seis (6) turmas de ensino fundamental e médio de um colégio da rede privada na cidade de Manaus, capital do estado do Amazonas.

Eles foram informados de que se tratava de uma pesquisa para uma disciplina cursada por sua professora, e que não receberiam muitas informações prévias sobre o tema de que se tratava, nem acerca de uma correlação entre a ideia de medo e sua relação com a geografia, o que perceptivelmente, lhes causou estranheza.

Após esse momento inicial, lhes foi solicitado que dessem respostas pessoais às seguintes perguntas:

- 1. Na sua opinião, o que é medo?*
- 2. Cite até três situações ou pessoas das quais você tem medo.*

3. Cite até três lugares ou paisagens das quais você tem medo.

As perguntas abertas foram propostas a fim de que os alunos pudessem opinar de modo mais livre e, desta forma, pudessem se expressar sem pressões ou sem a influência de conhecimento prévio sobre o tema. Solicitaram-se respostas individuais, sem conversa com os colegas tentando evitar assim alguma manipulação ou falseamento de respostas.

Também lhes foi assegurada total discrição no uso de suas respostas, somente para fins acadêmicos. Foi solicitado que não assinassem seu nome em nenhuma hipótese, apenas sua idade e a data em que a pesquisa foi realizada.

As seis (6) turmas participantes foram nomeadas com as letras do alfabeto, de A a F, a fim de facilitar a exposição de suas repostas no item a seguir. Também foram utilizadas as variáveis mais citadas nas respostas apresentadas pelas turmas, ressaltando que a cada aluno foram solicitadas até três (3) respostas para cada pergunta, e nem todos responderam desta forma.

4 PAISAGENS E LUGARES DO MEDO NA PERCEPÇÃO DE ESTUDANTES DO ENSINO BÁSICO

Buscando compreender a percepção dos estudantes do ensino básico acerca do medo e sua relação com a ciência geográfica, sem receber maiores explicações sobre o tema proposto, os mesmos receberam as perguntas com estranheza, mas prontamente passaram a respondê-las conforme lhes foi solicitado. Deste modo, questionou-se aos 145 alunos acerca de seus medos e seu entendimento sobre o sentimento do medo, buscando relacioná-lo ainda ao conceito de lugar.

Em relação à primeira questão, sobre um conceito de medo, destacando-se somente as respostas mais frequentes, chegou-se às seguintes ideias:

A turma “A”, composta por vinte e sete alunos entre 14 e 16 anos de idade, relacionou o medo a um sentimento (14), temor de algo ou alguém (5), desconforto (2) e trauma (2).

A turma “B”, composta por vinte e seis alunos entre 11 e 15 anos de idade, relacionou o medo também à ideia de sentimento (9), pavor/nojo/terror (3) e ao temor de algo ou alguém (4).

A turma “C”, composta por vinte e dois alunos entre 13 e 15 anos de idade, definiu medo como sentimento (8), temor de algo ou alguém (4) e alguns alunos não souberam ou não opinaram (4).

A turma “D”, composta por dezesseis alunos com 16 a 18 anos de idade, também relacionou o medo a sentimento (9), temor de algo ou alguém (3) e a um trauma (3).

A turma “E”, composta por vinte e nove alunos com 15 a 18 anos de idade, relacionou medo a um sentimento (14) e temor de algo ou alguém (4).

E por fim, a turma “F”, composta por vinte e cinco alunos com 13 e 14 anos, definiu o medo como um sentimento (11), temor de algo ou alguém (3) e trauma (2).

Deste modo, pode-se dizer que a conceituação de medo entre os 145 alunos ouvidos se organiza como no gráfico apresentado na Figura 1 a seguir:

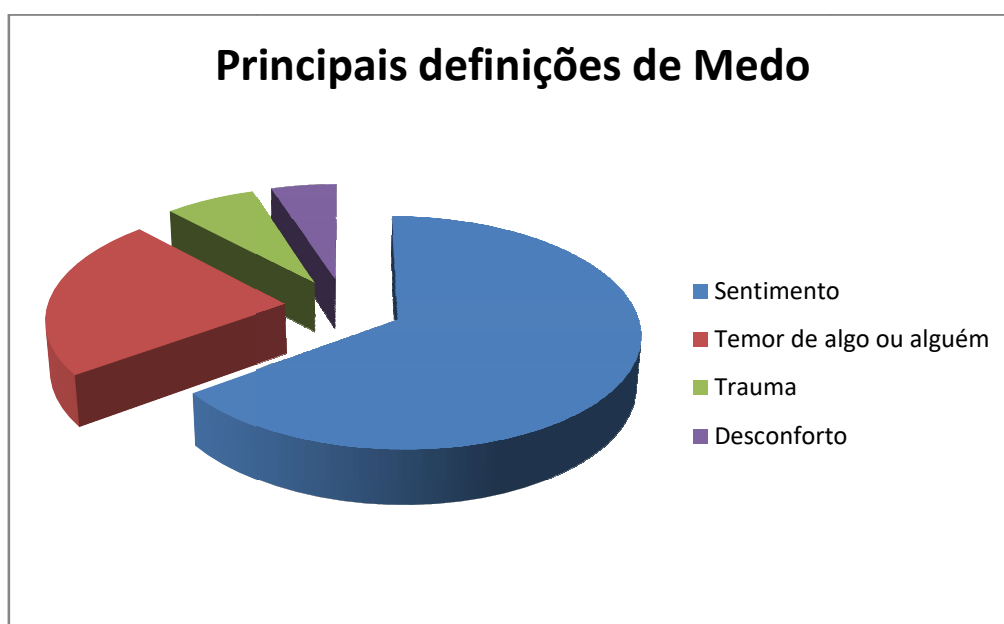


Figura 1: Definições de medo nas respostas dos estudantes entrevistados.

A partir dos dados, é possível destacar e visualizar no gráfico que 65 alunos destacaram a ideia de medo ligada a sentimento, 23 relacionaram o medo a algo ou alguém, 7 relacionaram medo a um trauma e 5 citaram o medo como desconforto, nojo ou pavor.

Sobre o segundo questionamento feito aos alunos, apresentou-se a ideia de apontar de um a três possíveis medos, no que diz respeito a pessoas ou situações. A turma “A”, composta por vinte e sete alunos entre 14 e 16 anos de idade, relacionou o medo a solidão (9), medo de perder a família ou pessoas que ama e da violência urbana (6 cada), medo de animais (4), medo de não ser bem sucedido na vida e medo de escuro (3 cada).

A turma “B”, composta por vinte e seis alunos entre 11 e 15 anos de idade, relacionou o medo a filmes de terror (8), medo de escuro (6), medo de bonecos (6), medo de palhaços, animais ou alguma pessoa em específico (5 cada).

A turma “C”, composta por vinte e dois alunos entre 13 e 15 anos de idade, relacionou o medo a espíritos, mortos ou bruxaria (10), perda da família ou pessoas que ama (6), medo de palhaço (6), medo de não passar de ano (4) e violência urbana (3).

A turma “D”, composta por dezesseis alunos com 16 a 18 anos de idade, também disse sentir medo da morte (8), perda da família ou pessoas que ama (8), medo de animais (8), violência urbana (6), medo de não ser bem sucedido na vida e medo de escuro (3 cada).

A turma “E”, composta por vinte e nove alunos com 15 a 18 anos de idade, declarou ter medo de perder a família ou pessoas que ama (16), medo de não ser bem sucedido na vida (11), medo de perder a salvação (6) e medo de ficar sozinho em casa (4).

E por fim a turma “F”, composta por vinte e cinco alunos com 13 e 14 anos, apontou o medo da perda da família ou pessoas que ama (10), medo de animais (5) e medo da morte e do escuro (4).

Deste modo, sobre o medo de pessoas ou situações, entre os 145 alunos ouvidos, temos a seguinte distribuição das respostas dadas conforme mostra gráfico na Figura 2:

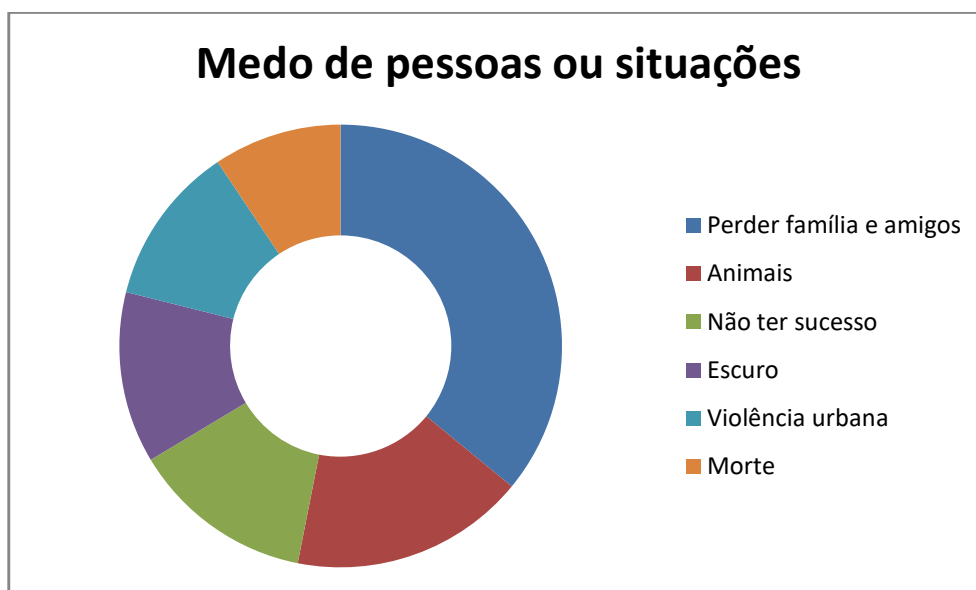


Figura 2: Respostas dos estudantes sobre medo de pessoas ou situações.

Assim, encontrou-se que entre todas as turmas ouvidas, no total de 145 alunos, 46 deles disseram ter medo de perder a família e amigos ou pessoas que amam, 22 temem algum animal, 17 tem medo de não conseguir ser bem sucedidos, 16 tem medo de escuro, 15 afirmaram ter medo da violência urbana e 12 tem medo da morte.

Sobre o terceiro e último questionamento feito aos alunos, apresentou-se a ideia de apontar de um a três medos, desta vez relacionados a lugares ou paisagens. A turma “A”,

composta por vinte e sete alunos entre 14 e 16 anos de idade, relacionou o medo de lugar ou paisagem a cemitério (4), mata ou floresta (3), lugar escuro e presídio (3 cada) e alguns não opinaram (7).

A turma “B”, composta por vinte e seis alunos entre 11 e 15 anos de idade, relacionou o medo de lugar ou paisagem a cemitério (9), lugar escuro (6), a própria casa ou casa de parentes (6), lugar abandonado (4), hospital, floresta e rio (3 cada).

A turma “C”, composta por vinte e dois alunos entre 13 e 15 anos de idade, disse temer lugares como cemitério (8), floresta (5), lugar escuro (6) e lugar de satanismo ou bruxaria (3).

A turma “D”, composta por dezesseis alunos com 16 a 18, também disse sentir medo de lugar escuro (7), lugar alto (4) e lugar pequeno (3).

A turma “E”, composta por vinte e nove alunos com 15 a 18 anos de idade, 5 alunos declararam não ter medo de nenhum lugar, os demais disseram ter medo de floresta/mata (3), rios/lagos (3), lugar sem proteção divina/religiosa (2) e medo de hospital (2).

E por fim, a turma “F”, composta por vinte e cinco alunos com 13 e 14 anos, apontou o medo de cemitério (9), ruas/becos (5), lugar escuro e casa de parentes (4 cada), lugar abandonado (2).

Assim, sobre o medo de pessoas ou situações, os 145 alunos ouvidos responderam conforme mostrado no gráfico da Figura 3:

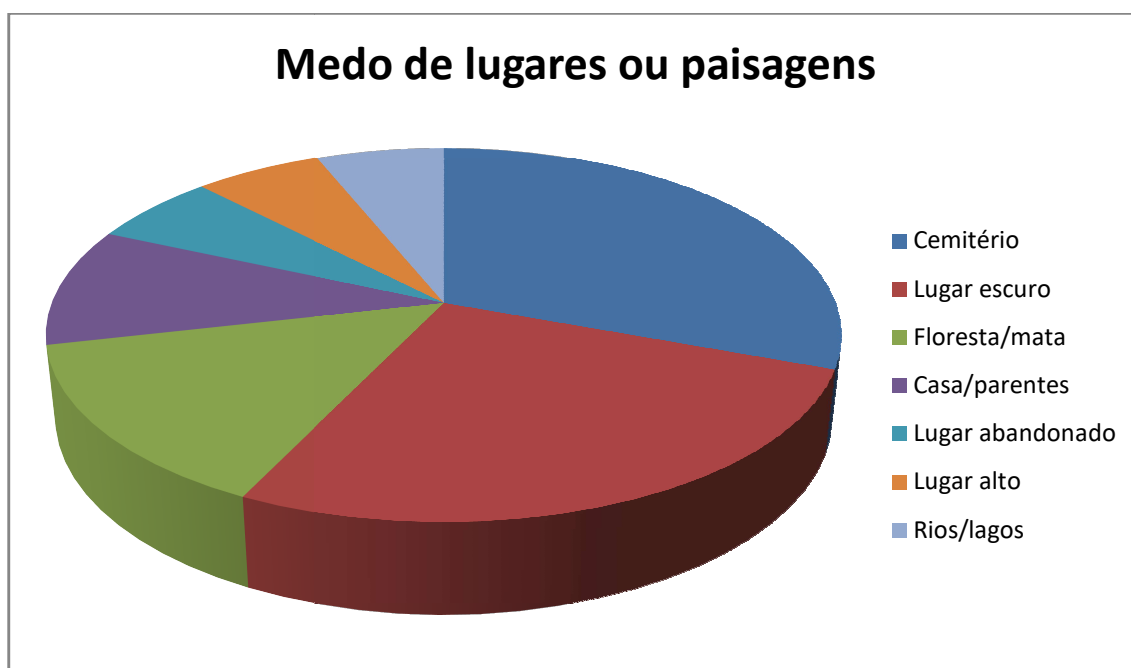


Figura 3: Respostas dos estudantes sobre medo de lugares ou paisagens.

Foi possível chegar ao seguinte: entre as seis turmas ouvidas com o total de 145 alunos, 30 deles declararam ter medo de cemitério, 26 temem lugares escuros, 14 tem medo de floresta ou mata, 10 tem medo da própria casa ou casa de parentes, sendo que afirmaram ainda ter medo de lugares abandonados (6), lugares altos (6) e rios e lagos (6).

Partindo para uma tentativa de analisar os dados encontrados, destaca-se a primeira pergunta: uma definição de medo. A maior parte dos alunos definiu medo como um sentimento, relacionado a variados aspectos, como uma angústia, insegurança, sofrimento, sentimento ruim, de alerta, pavor, algo da própria imaginação, fraqueza, não conseguir agir em uma situação, se sentir ameaçado, nervosismo e ansiedade.

Destacam-se algumas respostas:

- Medo pra mim é uma coisa horrível, que as (sic) vezes impede você de realizar seus sonhos, seus desejos, é ruim. (12 anos)
- Basicamente, nos dizem que o ser humano possui ‘medos’ desde sua infância, porém podem ser superados. (13 anos)
- Medo pra mim é algo que dói, que me deixa pensativa e preocupada (sic) e ativa, medo é algo incurável. (14 anos)
- O medo é um conceito abstrato, que as pessoas sentem-lo (sic) por falta de uma determinada ‘proteção’. (15 anos)
- Eu não sei definir direito. É quando a gente sente aquela sensação de calafrios e o coração começa a bater mais rápido. (16 anos)
- É o que sentimos de alguma coisa da qual nós não gostamos de ver, fazer ou vivenciar, afeta nosso psicológico e físico. (16 anos)

Sobre a definição de medo, Tuan nos traz a sua ideia de complexidade, que se pode perceber a partir das respostas transcritas, que trazem infinitas facetas desse sentimento, e o fato de que os animais também sentem medo. “O medo existe na mente” (TUAN, 2005, p. 12), mas pode ser ativado por questões externas ameaçadoras. O autor aponta ainda o medo de cemitério como uma consequência da paisagem da doença e suas terríveis consequências (p. 13).

Acerca da segunda pergunta, relacionada a medos de pessoas ou situações, destaca-se o medo de perder a família, pessoas que ama e amigos como o mais citado. Esta relação não aparece apenas em uma das seis turmas questionadas, a turma B com idades entre 11 e 15 anos, onde os principais medos de pessoas ou situações estão relacionados a filmes de terror, escuro, bonecos e palhaços.

Os demais medos nessa categoria proposta são: medo de animais, a preocupação de ser bem sucedidos, o escuro, a violência urbana e a morte. Em menor número, porém interessante

ressaltar os seguintes medos citados: guerra ou terceira guerra mundial (turma A), medo do banheiro da escola (turma B), medo de perder a salvação (turma C), medo de perder animais de estimação (turma D), medo de tomar decisões erradas (turma E) e medo da vida (turma F).

Sobre todos estes, destacam-se as seguintes colocações:

- Anda (sic) sozinho, ser roubado, bandido e o caderno de ocorrências do professor. (12 anos)
- De voltar a morar com o meu avô paterno. (13 anos)
- Uma situação que envolve ter medo é conhecer o pai de alguma menina (...). (14 anos)
- Medo de pessoas que são 'dispersas da palavra de Deus' (travesti). NÃO TENHO PRECONCEITO. (15 anos)
- Tenho medo de não conseguir ser merecedora de ir para o céu, quando Jesus voltar. (16 anos)
- Perder meus pais antes de me formar. (17 anos)

Sobre a ideia dos medos de pessoas ou situações, vale ressaltar o que Tuan pontua:

As pessoas são nossa maior fonte de segurança, mas também a causa mais comum de nosso medo. (...) São fantasmas, bruxas, assassinos, ladrões, assaltantes, estranhos e agourentos, que assombram nossas paisagens, transformando o campo, as ruas das cidades, o pátio de recreio da escola – planejados para o desenvolvimento das pessoas – em lugares amedrontadores (TUAN, 2005, p. 14).

O autor destaca a questão da inculcação do medo nas crianças pela própria família, visto que pela crença da necessidade de controle e domínio sobre elas, lhes apresentam a existência de figuras vingativas como bruxas, fantasmas e bicho-papão. Tuan destaca que a mãe é a figura de sustentação para a relação entre a criança e os limites de seu mundo, mas pode também tratá-los como seres sem forma definida.

No que diz respeito ao medo de lugares ou paisagens, nosso principal foco nesta análise, destacaram-se diversos lugares, porém também foi possível perceber certa dificuldade na definição das categorias geográficas propostas.

Alguns acabaram por não definir corretamente os lugares ou paisagens que lhes causam medo, no entanto destacam-se especialmente os seguintes: cemitério, lugar escuro, floresta/mata e casa de parentes e amigos; e em menor número, lugares abandonados, altos e rios/lagos.

Aparecem ainda algumas colocações interessantes: medo de presídio (3), hospital (5), ruas/becos (5), lugar de satanismo/bruxaria (3) e lugar sem proteção divina/religiosa (2). Vale ressaltar as impressões de alguns alunos:

- Ponta Negra, da lage (sic) da minha casa, e na rua, e no centro. (12 anos)
- Meu quarto, meu banheiro e na casa da minha vó. (14 anos)
- Sim o mundo é um lugar que já se deve ter medo pois já não a (sic) paz no mundo. (14 anos)
- Eu temo muito o Islã, e a 3ª guerra mundial. (14 anos)
- Uma boca de fumo rival da minha; unidade prisional da 7 de setembro (sic). (15 anos)
- Países que entram em conflitos constantes me causam medo, pois pode acontecer aqui também. (16 anos)
- Tenho vontade de conhecer meu país, Brasil, principalmente SP e RJ, mas tenho medo devido à violência. (16 anos)
- Creio que tenha medo de lugares com muita gente, festas ou mesmo aniversários. Socializar me deixa agoniada. Em um palco com uma plateia também. (16 anos)

Para Tuan, é necessário que as paisagens do medo sejam analisadas tanto da perspectiva individual como da perspectiva de grupo e ainda situá-los em um momento histórico. Seria interessante ouvir as mesmas pessoas daqui há alguns anos e identificar as mudanças que ocorrem em relação ao seu desenvolvimento e complexidade.

A diversidade de expressões nessa questão é notável: tanto aparece medo do lugar, o espaço particular do seu quarto, da sua casa, quanto se abre a uma escala em nível mundial sobre os lugares ou paisagens do medo.

Como medo das catástrofes em nível global, podemos citar como uma das consequências a expressa por Tuan ao longo da história humana: a fome e a escassez de recursos diante dessas calamidades, que no passado possuíam maior característica ligada aos aspectos naturais do que causas por interesses humanos.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tuan (2005) afirma que o medo existe na mente e a paisagem é também uma construção da mente, e portanto, as paisagens do medo dizem respeito a estados psicológicos mas também ao meio ambiente real. Neste sentido, entende-se que a complexidade do tema é grandiosa, podendo compreender uma gama de interpretações.

Buscou-se aqui identificar as expressões do medo, o medo de pessoas ou situações e por fim (mas não separadamente) o medo de paisagens ou lugares, na concepção de cento e quarenta e cinco (145) alunos de ensino fundamental e médio. Sabendo que o material aqui apresentado abre a perspectiva para inúmeras análises, a breve análise aqui apresentada não possui a menor pretensão de se encerrar em si mesma. A partir disso, encontrou-se que:

- A maior parte dos alunos definiu medo como um sentimento negativo, mas também como receio de algo ou alguém em específico e ainda como resultado de traumas. Neste item, alguns não souberam ou não quiseram opinar.

- Quando questionados sobre o medo de pessoas ou situações específicas, a maior parte deles disse temer situações como a de perder a família, os amigos ou pessoas que ama, seguido pelo medo de animais, de não ter sucesso, medo de escuro, da violência urbana e da morte.

- Por fim, sobre o medo de lugares ou paisagens, as mais citadas foram: cemitério, lugares escuros, florestas/mata, a própria casa ou a casa de parentes, lugares abandonados, lugares altos e rios/lagos.

As interpretações a partir dessas respostas podem ser inúmeras, e neste momento nos propusemos a identificar os medos e abrir as possibilidades a essas formas de ver o medo, especialmente no que diz respeito às paisagens. Tuan destaca que a natureza do medo vai se alterando de acordo com o desenvolvimento das crianças, das pessoas, da sociedade. Se essas mesmas pessoas pudessem ser questionadas daqui a alguns anos, possivelmente as respostas seriam diferentes.

Foi perceptível em um dos grupos, possivelmente mais infantil ou imaturo (entre 11 e 15 anos), medos mais relacionados ao escuro, aos animais, filmes de terror, a palhaços e bonecos, mas o medo da perda da família foi citado na maioria dos grupos analisados (cinco deles). Ainda assim, o medo do escuro também apareceu em cinco dos seis grupos, o que demonstra que nem sempre a maturidade pode constituir um critério de análise para o que poderíamos chamar de tipos de medo ou suas variantes.

Em três dos grupos, com idade entre 14 e 18 anos, aparece em bom número o medo de não ser bem sucedido acadêmica e profissionalmente, o que já configura uma visão de futuro e certa maturidade do grupo. No entanto, não se pode precisar essa maturidade. Nos mesmos três grupos aparecem ainda aqueles que disseram não temer nenhum lugar ou paisagem.

Aparecem medos que merecem ser analisados individualmente no contexto do grupo, como medo de pessoas da própria família ou parentes, medo da sua própria casa, que teoricamente seria lugar de abrigo e proteção. E sobre o medo de presídio, vale ressaltar o

recente colapso do sistema carcerário, que deixou a cidade em alerta. Sobre o medo de floresta/mata e de rios/lagos, o contexto regional em que estão inseridos sem dúvida influencia a partir das histórias, lendas e mitos acerca da região amazônica.

Vale ressaltar ainda os medos relacionados à religiosidade, já que o colégio é confessional, apareceram nesta pesquisa respostas relacionadas ao medo de não ir para o céu, medo do inferno, medo de perder a salvação, medo de lugares sem proteção divina ou religiosa.

No entanto, Tuan escreve sobre a falsa impressão de que o homem está constantemente em situação de ansiedade e medo, o que de acordo com ele não procede, seria uma distorção. Ao invés de estarem constantemente assustados ou desesperados, os seres humanos se portam no sentido do enfrentamento diário do cotidiano, e entre outros, este é um belo mistério da vida: mesmo tendo inúmeros motivos, reais ou imaginários para temer, o ser humano busca crescimento e enfrentamento.

LANDSCAPES OF FEARS IN GEOGRAPHY: THE PERCEPTION OF ELEMENTARY SCHOOL STUDENTS

ABSTRACT

This article discusses fear from the perception of elementary and high school students and aims to relate them to the reflections proposed in Yi-Fu Tuan's "Landscapes of Fear", whose central theme is human fear and it crosses age groups and historical moments of humanity. In this sense, 145 students aged 11 to 18 years were heard about their fears and the relationship of these fears with the geography of the places. The initial conclusion is that many students have difficulties in establishing spatiality to describe their fears, that way relate them to geography. The spaces most cited as places of fear were, respectively, cemetery, dark place, forest / forest, house of relatives, abandoned place, high place and rivers / lakes.

Keywords: Landscapes of fear. Concept Place. Geography. Yi-Fu Tuan.

REFERÊNCIAS

BERQUE, Augustin. Paisagem-marca, paisagem-matriz: elementos da problemática para uma geografia cultural. *In*: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (orgs.). **Geografia Cultural: uma antologia (1)**. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2012.

CLAVAL, Paul. A paisagem dos Geógrafos. *In*: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (orgs.). **Geografia Cultural: uma antologia (1)**. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2012.

COSGROVE, Dênis. A geografia está em toda parte: cultura e simbolismo nas paisagens humanas. *In*: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (orgs.). **Geografia Cultural: uma antologia (1)**. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2012.

GANDY, Mathew. Paisagem, estética e ideologias. *In*:: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (orgs.). **Paisagens, textos e identidade**. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2004.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Tradução de Beatriz Sidou. 2ª ed. São Paulo: Centauro, 2013.

Yi-Fu Tuan. **Paisagens do medo**. São Paulo: Unesp, 2005.

Recebido em 28/02/2019.

Aceito em 27/06/2019.